

A velha a cega e as bandas

Adérito Silveira

Há muito tempo, mesmo no inverno faziam-se festas populares com muita animação. Dançava-se ao som dos tangos, fados, marchas, viras, pasodobles...as bandas de Mateus estavam atualizadas, satisfazendo os caprichos dançantes dos bailadores. Havia até músicas muito lentas e sensuais que levavam os rapazes a abraçarem as companheiras pela cintura e os mais ousados chegavam mesmo a acariciar as ancas da parceira. Isto só acontecia quando o rapaz sabia que os pais da rapariga, ou o irmão mais velho não andavam por perto...os músicos ficavam orgulhosos sabendo que o seu toque provocava nos bailadores um rosto aureolado de felicidade e de sorrisos rasgados. Isso funcionava como um troféu. E a banda que o conseguisse mais facilmente era a que conseguia mais adeptos e mais aplausos.

Era inverno, já perto do Natal. Estávamos no ano de 1944. Como grande general, o frio dentro das casas sublevou os espíritos adormecidos e desencadeou suspiros de reconfortante prazer visual. A neve caía sem cessar e em força, bloqueando as estradas e caminhos de Mateus. O frio queimava as mãos depois de elas terem tocado a neve. O céu estava revestido de farrapos brancos. Em muitas casas já se ouviam instrumentos de banda nos preparativos para a festa que constava de arraial renhido pela participação das duas coletividades da terra. Com o vislumbre branco da natureza, os sons vibravam submetidos e resignados à fantasia do branco e ao milagre da vida. No largo havia cavalos e burros atrelados que tiritavam de frio e das suas bocarras saíam fumaças de ar quente que cedo se evaporavam. Bizarramente das suas caudas deslizavam suaves pingos misturados de água e de neve. Junto ao fontanário um homem prende um cavalo ao tronco de uma figueira desnudada da tia Antónia Beiçuda. O cavalo era imponente e feroso. Uma criança, vermelha do frio, aproximou-se do animal tentando afagar o lombo do gigante mas não conseguiu chegar tão alto, sendo ajudada pelo dono que cofiando o seu vasto bigode a levanta, colocando-a mesmo em cima do proeminente lombo. Sentindo-se tão alta, a criança sorriu de felicidade....

Numa das casas uma velha gemia agonizante. Junto da velha esperava-se já o último suspiro...

A velha da lenha morrera havia momentos. Chamavam-lhe assim porque durante quase uma vida ela se prestava a ir buscar lenha à mata do conde para pessoas que lhe pediam a troco de uma malga de caldo e pouco mais. Depois da notícia, toda a paisagem envolvente se transformou em serena quietude. Ela era ali mesmo lembrada como alguém que amava os pássaros porque os seus trinados falavam ao seu coração. Também quando nova tremia, soluçava, delirava até quando as bandas da terra tocavam marchas de rua. Na sua dolorosa pobreza, ao toque de uma melodia ela dançava para que os seus pensamentos adormecessem na ilusão de uma pequena felicidade. Isto também foi dito ali ao lado da morta...

O silêncio e a dor de alguns amigos provocaram arrepios nos mais frágeis e nos mais velhos. Ouviam-se soluços de tristeza dentro da casa, e os músicos sabendo da notícia começaram de imediato a ensaiar a marcha fúnebre procurando à pressa um estado de espírito adequado para fazerem chorar cada nota, cada fragmento de melodia. Uma mulher de meia-idade estava ajoelhada junto do leito. Uma outra de tamancos e xaile apertado pela cabeça acendeu uma vela de sebo, fumegante, e em seguida ficou imóvel a olhar para a companheira das muitas viagens para a "bila" quando ambas transportavam cestas com galinhas, ovos, coelhos e hortaliças...

As casas da aldeia eram nos anos 40 pequenas e desconfortáveis e dentro delas viviam animais e pessoas, umas sobre as outras. Alguns músicos, rapados de fome, tentavam tocar para a esquecer mas as forças em pouco tempo declinavam e as partituras eram drasticamente encurtadas...

Nas cozinhas havia clarões da lareira que iluminavam as almas tornando-as alegres e sonhadoras. Mas neste dia de festa as casas vestiam-se de cores vivas e apresentavam-se limpas e arrumadas.

Com a morte da velha a festa perdeu entusiasmo ficando, aos poucos, um vazio na população porque a velha da lenha era muito estimada pela sua bondade e pelo bem que fazia aos pobres ainda mais pobres do que ela. A mulher que estava ajoelhada levantou-se. Não era parente da falecida mas apenas mais uma vizinha amiga. Um grupo de pessoas combinou os preparativos para a cerimónia fúnebre. Fez-se um peditório para pagar as despesas do funeral. A casa era um tugúrio miserável.

Mesmo assim algumas mulheres olhavam para os recantos, desconfiadas como que a procurarem algum tesouro escondido. Uma vizinha pegou numa vela e fez incidir a luz num canto onde para espanto de todos se viu acocorado junto da lareira um ser duvidoso que pareceu meio adormecido. A massa espessa dos cabelos escuros e longos escondiam-lhe o rosto tornando-o quase uma figura fantasmagórica. – Esta menina é cega, é neta da morta- adiantou uma anciã, escondida na cara pelo lenço preto, derreada sobre o rosário que lhe caía das mãos curtas e esquálidas.

Compungiram-se algumas pessoas interrogando-se sobre o que fazer com a cega. A senhora Luisinha, a tia Josefina, a tia Antónia da Casa, e a tia Augusta Mio eram as mais inconformadas pelo desaparecimento da velha da lenha. Entretanto um senhor bem-parecido, uma figura de homem, ficou de dar solução a este caso tão dramático. A esse homem acudiu-lhe ao espírito a ideia de tomar conta da infeliz criatura. Esse bondoso homem tomou essa decisão depois de ficar alguns minutos a contemplar a fisionomia da velha morta, a sua boca enrugada e reentrante, os seus lábios cortados e de bondade como os de uma santa.

A cega deixou-se conduzir por uma jovem criada do benfeitor. Como massa inerte, ela desapareceu com os seus traços fisionómicos regulares, belos até, mas profundamente inexpressivos e exaustos.

O funeral fez-se mesmo ao fim daquele dia porque a velha estava mesmo morta. Disso ninguém tinha dúvidas. Era costume nesse tempo os músicos tocarem nos funerais. O terceiro andamento da sonata nº 2 de Chopin era a marcha escolhida porque mesmo com algumas desafinações os sons eram aterradores de tristeza e os músicos sentiam-nos. Músicos das duas bandas de Mateus acompanharam o cortejo fúnebre tocando essa mesma marcha dolorosa e triste fazendo com que alguns acompanhantes chorassem e gemessem. A velha merecia até porque quando era nova assistia muitas vezes aos ensaios e estava sempre presente, quando músicos das bandas animavam os bailaricos aos domingos no fim de tarde. E dava nas vistas, saltando, gemendo e sorrindo... de vez em quando ela lembrava com vaidade que já um seu avô tinha sido músico e chegou a tocar quando o rei D. Carlos veio à “Bila” em 1908. Concluía a velha que o seu avô passara vários dias a limpar o contrabaixo para que o rei pudesse olhar para o instrumento e... quem sabe, também pudesse falar com ele.

O padre Faceira, acolitado por João Teles já no cemitério abriu o livro das orações no sítio da misericórdia de Deus e a velha rapidamente foi a enterrar.

A cega balbuciava muitas vezes pela sua boca inocente e pura dizendo palavras desconexas, só adormecendo quando naquela casa senhorial a jovem criada lhe cantava canções que falavam de estrelas e de outras palavras bonitas. Durante a noite acordava inconsciente e gemia. Passados poucos meses, a cega assomou à janela e sentiu o céu pontilhado de estrelas, e ouviu soluços na noite fria, soluços misturados com uma música doce e celestial. E pensou e disse:” és tu avó?” Colocando a cabeça mais de fora disse baixinho:” quero ir ter contigo avó”. Não demorou muito a partida da cega para junto da pessoa que mais amava: a avozinha da lenha. A manhã estava linda. Tinha chovido durante toda a noite. Batida pela chuva e pelo vento, as folhas bramiram sacudidas pela força do vento parecendo chorar a dor imensa da população ao ver partir a menina cega para longe, fora do alcance de todos mas lembrada na sua vida terrena pela sua bondade e pelo seu sofrimento imaculado e santo. Como não podia deixar de ser, músicos das duas bandas incorporaram-se no funeral tocando uma melodia triste para que a menina cega chegasse mais cedo junto da avozinha.